

# SOBRE A *PHILÍA* EM *EPICTETO*

ANTONIO CARLOS DE OLIVEIRA RODRIGUES\*

## RESUMO

O homem, para Epicteto, é sempre afetado pelo mundo que o cerca. Se não policia os sentimentos não ama, se aprisiona. O estoicismo de Epicteto exige a libertação espiritual do homem a fim de que ele possa saber amar com desprendimento.

Palavras-chave: *Philía*, *Prósopon*, *eleuthería*, *prokopé*.

## ABSTRACT

Man, for Epictet, is always affected by the world that surrounds him. If unable to harness his feelings, man cannot love, but only be held arrested. The stoicism of Epictet demands for man's spiritual liberation in order to make it possible for him to love freely.

Keywords: *Philía*, *Prósopon*, *eleuthería*, *prokopé*.

## 1. VIGOR E TERNURA

...Quando vires alguém chorando e aflito, seja quando o filho esteja ausente, seja quando tenha perdido seus bens, cuida para que a impressão não te escravize, como se os males estivessem nas coisas exteriores, mas diz prontamente para si mesmo que “Não é o acontecimento que causa dano (pois não causa dano a um outro), mas a opinião dele” (...) Quem beija um filhinho deve, ao que dizia Epicteto, murmurar no íntimo: Talvez morras amanhã (...) Jamais, a respeito de coisa alguma, digas que “a perdi”, mas que “a restitui”. Teu filho morreu: foi restituído. Tua mulher morreu: foi restituída (...)<sup>1</sup>

Não são poucos os aforismos de Epicteto, sobretudo o *Enkheirídon*, que suscitam a idéia de que sua *philosophía*<sup>2</sup> estaria a

---

\* Mestre em Filosofia pela PUC-SP. E-mail: tarqua@ig.com.br.

<sup>1</sup> EPICETETO, *Manual*, XVI. MARCO Aurélio, *Meditações*, XI, 34.

<sup>2</sup> A palavra *philosophía* designa a Filosofia em sua origem, a Antiga Filosofia.

serviço da insensibilidade. O filósofo estoíco recalcaria em si mesmo todo sentimento e, por meio deste expediente, alcançaria a paz da alma, a *ataraxia*. A “privação de perturbação” viria para aquele que alçasse a condição de não sentir nada por alguém, nem por coisa alguma.

Por ser indiferente a tudo e a todos, o sábio, figuração ideal dos valores da *Stoa*, não sofreria constrangimentos, estaria livre da dor e seria feliz. Desprovido de sensibilidade, apresentaria um coração empedernido diante das mudanças e dos acontecimentos que fazem o homem ordinário vítima fácil de numerosos padecimentos, enfim, este ser extraordinário teria na impassibilidade (*apátheia*) a sua maior virtude.

Eis porque não lamenta a perda da esposa, eis porque não chora pela ausência dos filhos que a morte levou. O estoicismo epictetiano, concebido desta maneira, representaria, se de fato fosse assim, a negação do amor (*philia*). Não obstante, se no *Enkheiridion* somos levados a crer que Epicteto não permite que as paixões façam parte do quadro das relações que o homem mantém com o mundo e com os outros homens, nas **Diatribes** acham-se assertivas que indicam outras possibilidades de se entender a maneira como Epicteto concebia a amizade, o amor (*philia*).

A diferença entre as obras não nasceu do acaso, ambas foram escritas pelas mesmas mãos, embora em tempos diferentes; o autor: Flávio Arriano. Enquanto as **Diatribes** foram colhidas da boca do mestre, o *Enkheiridion* é obra tardia cujo principal objetivo foi sumariar os ensinamentos de Epicteto em um pequeno relicário de idéias, a fim de que o sedento de paz de espírito encontrasse, sem delongas, a água fresca de que tivesse necessidade. O estilo cortante e aforismático do *Enkheiridion* é que levou muita gente a pensar que no coração da *philosophia* de Epicteto houvesse o princípio de proibição do ato de amar.

Nas **Diatribes**, nos deparamos com o mestre, em pessoa, totalmente humanizado porque aparece por entre numerosas situações cotidianas que revelam, ao mesmo tempo, o vigor e a ternura que caracterizam sobremaneira seu modo habitual de ser.

É assim que instado em dada circunstância sobre o exercício mais propício para “avançar no caminho” (*prokópsonta*) da vida filosófica, a propósito da segunda disciplina concernente ao dever (*kathêkon*), a que trata das inter-relações humanas, ele afirma: Na verdade, não me é necessário ser privado de afecção como uma estátua<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> EPICTETO, **Diatribes**, III, 2, 4.

Epicteto, por meio deste pensamento surpreendente, indica claramente o sentido de limite que sua *philosophía* dá à *ataraxía* (ausência ou privação de perturbação) e à *apátheia* (privação ou ausência de afecção).

Escravo em Roma, converteu-se ao estoicismo ante a força da palavra viva (*parresía*) de Musônio Rufo que o libertou da escravidão de espírito antes de lhe chegar a alforria pelas mãos de Epafrodito. A partir de então Epicteto fará da liberdade (*eleuthería*) o tema central de sua *philosophía*: Ninguém é livre não sendo mestre de si mesmo <sup>4</sup>.

## 2. PHILÍA E PRÓSOPON

A *philosophía* epictetiana apresenta-se na forma de três princípios práticos de orientação da conduta para se avançar no seguimento da vida filosófica, integrados à célebre distinção: Em meio às coisas, umas dependem de nós, outras não<sup>5</sup>. O primeiro visa à ausência de perturbação na vida, o segundo, a integração harmoniosa no todo da sociedade humana, o terceiro, o reto pensamento. A noção epictetiana de amor deriva destes fundamentos.

Como já foi indicado, Epicteto filosofa e legisla sobre o amor nas relações inter-humanas no segundo tema de exercícios, domínio em que o praticante de *philosophía* deve exercitar-se. Um dos primeiros pontos que levanta no domínio da convivialidade é o das formas inautênticas de amizade, não o que a amizade é, mas o que ela não é:

... Pensas tu que um homem que sofreu uma decepção com um outro possa ser seu amigo?

- Não.

- E aquele que é inconstante na escolha de um amigo, mostra-se benevolente para com ele?

-Não.

- E aquele que começa por injuriar alguém e em seguida lhe testemunha sua admiração?

- Tampouco.

- Então quê! Nunca viste pequeninos cães se acariciando e brincando um com o outro, que te levou

<sup>4</sup> Fragmento 35, traduzido pelo prof. Doutor Aldo Dinucci.

<sup>5</sup> EPICTETO, *Manual*, I, 1-2.

a dizer: << Não há nada mais amigável>>? Mas para ver o que é a amizade (*tí esti philía*), lança entre eles um naco de carne e tu saberás. Lança também entre ti e teu filho um pedaço de campo, e tu saberás quanto teu filho está impaciente para te enterrar e quanto tu desejas a morte de teu filho...<sup>6</sup>

Se a propriedade pode ser a pedra de jaspe para aferir a amizade nas relações entre pais e filhos, nas relações sociais, também o adulator pode mostrar afeição por aquele de quem espera um favor, um benefício; contudo, o carinho é tão-somente para conseguir alguma coisa, não é afeição verdadeira, é só alguém pagando o preço pelo qual outro alguém está se vendendo.

Neste caso, quanto mais intensa for a afeição demonstrada, maior a escravidão da pessoa; por não ter consciência do próprio valor, vende-se por qualquer preço; por não ser dona de si mesma não alcança o amor verdadeiro:

... Não foste convidado para o banquete de alguém? Com efeito, não pagaste ao que convida o preço pelo qual ele vende a refeição. Ele a vende pelo elogio, pelos obséquios. Com efeito, se te interessa, paga o preço pelo qual se vende a refeição. Mas, se anseias tanto não conceder o elogio e os obséquios quanto obter a refeição, és insaciável e estúpido. Com efeito, nada possuis ao invés da refeição? Possuis o não elogiar aquele que não desejas elogiar, o não ter de suportar os que estão diante da porta dele...<sup>7</sup>

O primeiro dever do estóico nas relações que estabelece com outros homens é o de salvaguardar sua dignidade pessoal (*prósopon*). Para fazê-lo necessita saber separar o que é seu do que não é,<sup>8</sup> porque só o que não se depara com o que evita realiza os desejos e vive sem

<sup>6</sup> EPICTETO, *Diatribes*, II, 22, 8-10.

<sup>7</sup> EPICTETO, *Manual*, XXV.

<sup>8</sup> “Depende de nós o julgamento de valor (*hypólepsis*), o impulso para a ação (*hormé*), o desejo (*órexis*) ou a aversão, em uma palavra tudo aquilo que é obra nossa. Não depende de nós o corpo, a riqueza, as honras, os altos cargos, em uma palavra todas as coisas que não são obra nossa”. EPICTETO, *Manual*, I.

qualquer constrangimento, é livre no espírito, de modo a fundar uma base segura para o bom convívio e, *ipso facto*, reunir condições de se apresentar dignamente perante os outros e, enfim, tratar quem quer que seja com amorosidade sincera.

Toda pessoa com poder ou dinheiro é um vendedor. Ela estipula o preço pelo qual as pessoas se vendem ou não se vendem. Epicteto tem uma aclarada percepção de que sempre é possível vender a alma pelo preço que as pessoas vendem as coisas<sup>9</sup>, por isso, lhe importa o modo como se apresenta a alguém (*prósopon*), face a face, *tête-à-tête*, se se rebaixando com hipocrisia ou com generosa altivez, se com alma altiva ou com um coração baixo, se com espírito brioso ou com alma pequena, com baixeza ou magnanimidade. O brio pessoal não pode ser obnubilado pela avidez por coisas. Afinal o estoíco leva consigo a própria divindade, desta deriva seu valor, sua *axía*, sua dignidade, na medida em que sabe protegê-la (*epiméleia*) e respeitá-la em si próprio.

... Quando alcançares a condição de desprezar as coisas exteriores e aquelas que não dependem de ti, quando cessares de olhar alguma entre elas como tua, mas considerares unicamente como te pertencendo propriamente o fato de bem julgares, de bem pensares, de teres as propensões, os desejos, as aversões que te forem necessárias ter, que lugar restaria ainda para a lisonja, para os baixos sentimentos? ...<sup>10</sup>

Quando o homem aprende a distinguir o que é dele daquilo que não lhe pertence propriamente, aparece, com muita nitidez, o vínculo entre a grandeza da alma e a amizade. Ambas só podem existir em regime de comunhão, ou seja, existir coexistindo. Que é que de primeiro o homem perde quando não sabe fazer a distinção fundamental? Quando não sabe discernir em meio às coisas aquilo que não depende dele? Quando ignora onde reside o bem verdadeiro? Perde o brio, a nobreza de espírito, o valor (*axía*), a dignidade pessoal (*prósopon*) e, onde não há grandeza moral, também não pode haver amizade leal e sincera.

---

<sup>9</sup> “Pois diferentes homens vendem-se por diferentes preços”. EPICTETO, *Diatribes*, I,2,11.

<sup>10</sup> EPICTETO, *Diatribes*, III, 24, 56.

### 3. O QUE NÃO DEPENDE DE NÓS É O QUE DEPENDE DA PERFEITA ORDENAÇÃO DO KÓSMOS

Sobre a afirmativa aparentemente simplória de que “Entre as coisas há as que dependem de nós e as que não dependem”, levantamos uma ontologia e uma ética. Ontologia porque o Ser é dividido e ordenado em dois âmbitos, em duas esferas de ação: a que não depende de nós aponta para o curso inevitável e necessário dos eventos no mundo. É o campo onde não há e não pode haver preferência, porque ninguém consegue escolher caminhos diante do inevitável, envolto no vórtice determinista e fatal dos eventos. Na medida em que o homem não pode modificar o que lhe acontece no mundo, estas ocorrências devem ser perspectivadas como indiferentes (*adiaphoriai*). Ética porque ao deixar fora de seu alcance a mudança do mundo - o que acontece é indiferente – faz depender dele o mal e o bem, estes sim estão sob sua total dependência.

Por ser o terceiro item de exercício para a vida filosófica, a ascese do reto pensar (*synkatathésis*) não fica restrita tão-somente a esta posição na hierarquia dos trabalhos que conduzem ao aprimoramento o aprendiz de *philosophía*. O “bom uso das impressões”<sup>11</sup> funda, perpassa e ultrapassa todos os outros domínios de aprendizado. Este tornou-se um dos lemas preferidos de Epicteto. O plano de Epicteto é fazer com que o aprendiz de *philosophía* aprenda a articular o uso das impressões com a teoria dos indiferentes, se conseguir executar este exercício com maestria se tornará invencível.

... Da mesma forma que nos exercitamos em responder às questões sofisticas, assim também deveríamos nos exercitar a cada dia em responder às representações, pois também elas nos apresentam questões.

---

<sup>11</sup> “Não te exaltes por nenhuma excelência que pertença a outro. Se um cavalo, ao ser exaltado, diz que ‘sou belo’, isso é tolerável; mas tu, quando dizes, ao seres exaltado, que ‘posso um bom cavalo’, saibas que és elogiado pelo bem do cavalo. Então o que é <propriamente> teu? O bom uso das impressões. Deste modo, quando utilizares as impressões de acordo com a natureza, aí então te exalta: pois neste momento serás exaltado pelo bem que te tem como causa”. EPICTETO, **Manual**, VI. *O grifo é nosso*.

- O filho de um tal morreu?
- responde: ‘Isso não depende da nossa faculdade de escolher (*proairesis*), isso não é um mal’.
- O pai de um tal o deserdou. O que pensas disto?
- Isto não depende de nossa faculdade de escolher (*proairesis*), isso não é um mal.
- César o condenou.
- Isto não depende da nossa faculdade de escolher (*proairesis*), isso não é um mal.
- Ele é afligido por isso.
- Isso depende da nossa faculdade de escolher (*proairesis*), isso é um mal.
- Ele suportou a aflição com valentia.
- Isso depende da nossa faculdade de escolher (*proairesis*), isso é um bem.
- Se adquirirmos esse hábito, progrediremos: não daremos nunca nosso assentimento senão àquilo de que temos uma representação *objetiva*...<sup>12</sup>

#### 4. O HOMEM É UM SER DE AFETOS

A *philosophía* de Epicteto, em seu todo, visa fortalecer o homem, preparando-o para o enfrentamento e superação de qualquer dificuldade. A paz de espírito que sua doutrina promete é proveniente, em grande parte, da capacidade do praticante em colocar nas mãos do destino aquilo que não depende dele.

Ora, se a reputação, os cargos públicos, o corpo, as doenças e, até mesmo a morte não são tomados, por ele, nem como bens, nem como males, como poderiam ser havidos como tais quando atingem os que a ele se ligam pelos laços familiares? Se ele sabe que a serenidade (*euróia*) não se harmoniza com a nostalgia das coisas ausentes?

Eis o que, segundo Epicteto, Diógenes confessou ter aprendido com Antístenes:

...Ele me ensinou o que é meu e o que não é meu. A propriedade não é minha; parentes próximos, amigos,

---

<sup>12</sup> EPICTETO, *Diatribes*,

reputação, laços familiares, conversações com os homens, tudo isto me é estranho, alheio...<sup>13</sup>

Aquele que se deixa afetar (*prospáskhein*) por aquilo que não depende dele é induzido a desenvolver uma atitude antinatural (*pará physin*) perante a vida, se propõe a rejeitar as coisas que estão acontecendo, ou que simplesmente acontecem. Então, logo passa a querer que o que se quebra não se quebre, que o que morre, não morra, que o que é não seja. Mas as coisas são como são, esta é a natureza delas. Querer que não sejam assim, significa entrar em luta com o universo que é regido pela necessidade e, assim sendo, jamais se dobrará aos seus caprichos. Portanto, se, entre as coisas que estão sob nosso controle, evitas as coisas que são *contra a natureza*, não encontrarás nenhuma das coisas que evitas, mas se tentas evitar a doença ou a morte ou a pobreza, serás desafortunado.<sup>14</sup>

Epicteto sabe, apoiado na doutrina estoíca antiga, que o ser humano é um coração que acolhe e recebe o ser ao seu redor; se não souber se servir bem das impressões, será levado de roldão pela voragem de suas marés. Em quase todos os pensamentos dele subjaz a preocupação com a humana afetividade. Já nos referimos em outro lugar<sup>15</sup> que a preocupação excessiva com as impressões<sup>16</sup> revela justamente o pressuposto de que o homem é um ser de afetos.

É este o pressuposto que está sempre em jogo quando Epicteto se acerca do problema do amor; está, por exemplo, na maneira que, segundo ele, o sábio demonstra afeição e ternura (*philostorgía*) pelos seus:

... E quem impede de amar alguém como se ama um ser sujeito a morte, um ser que pode nos deixar? Sócrates não amava seus filhinhos? Sim, mas como um homem livre, como um homem que se lembra

<sup>13</sup> EPICTETO, **Diatribes**, III, 24, 68-69.

<sup>14</sup> EPICTETO, **Manual**, II, 1-2. *O grifo é nosso*.

<sup>15</sup> Antonio Carlos de O. RODRIGUES, Dissertação de mestrado, *Proairesis e Prónoia no Estoicismo de Epicteto*, p.

<sup>16</sup> "Quando receberes a impressão de algum prazer, toma cuidado, assim como com outras impressões, para que não sejas escravizado por ela (...) Quando vires alguém chorando aflito, seja quando o filho esteja ausente, seja quando tenha perdido seus bens, cuida para que a impressão não te escravize (...) Portanto, pratica dizer prontamente a toda impressão penosa que 'És impressão e de modo algum és o que parece'". EPICTETO, **Manual**, I, 5; XVI; XXXIV.

que seu primeiro dever é de ser amigo das divindades...<sup>17</sup>

Epicteto recebia muitos alunos em sua escola em Nicópolis, grande parte deles vinha de bem longe e ficavam ali residindo com ele em regime de seminário. Quando terminavam o aprendizado e se iam embora, alguns se queixavam da aparente frieza com que o mestre lhes acompanhava a partida:

... Oh! Velho sem coração! Ancião desalmado! Quando eu estava partindo não chorou, não disse: sejam quais forem os perigos aos quais te expuseres, ó meu filho! Se deles escapares, alumniarei meus candeeiros...<sup>18</sup>

Como poderia agir de outro modo, se os que foram recebidos na escola vieram aprender que males e bens só dependem deles mesmos e não do que lhes vier a acontecer? Se o aprendizado consiste em não rejeitar a experiência imediata da vida, isto é, o ser que se lhes oferece? Em outras palavras: o que a divindade estabeleceu como a trama de seu destino.

... Portanto, meu pesar, meu desgosto, minha mágoa, farei cessar a qualquer preço, porque isso depende de mim, por aquele dos outros, me esforçarei segundo minhas forças, mas não me esforçarei a qualquer preço, senão, combaterei contra os deuses, me oporei contra Zeus, e estarei em contradição com ele no respeitante ao governo do universo...<sup>19</sup>

Ser amigo das divindades é não rejeitar o que ocorre, dado que bens e males são de nós, e não do que acontece. Não somos amigos dos deuses quando os criticamos em virtude dos acontecimentos desagradáveis da vida<sup>20</sup>. Quando nossa solicitude pelos outros nos

---

<sup>17</sup> EPICTETO, *Diatribes*, III, 24, 60-61.

<sup>18</sup> EPICTETO, *Diatribes*, II, XVII, 37.

<sup>19</sup> EPICTETO, *Diatribes*, III, 24, 23-24.

<sup>20</sup> Quanto à piedade em relação aos deuses, sabe que a coisa mais importante é a seguinte: que possuas concepções corretas sobre eles – que eles existem e governam

leva a atitudes contranatura, chegou a hora de reavaliar a qualidade de nosso amor.

### 5. O TEMPO E A ESFERA DA CONTRANATURALIDADE

...De modo semelhante tu também, te lembraes que amas um mortal, que não amas aí, nada que te pertença propriamente, isto te foi dado para o momento, e não sem possível retomada, nem para sempre, mas como um figo ou um cacho de uvas, em uma estação determinada do ano: Se as desejares durante o inverno, és estúpido. Da mesma maneira, se tu desejares teu filho ou teu amigo quando não te é mais dado os ter, sabe que é como se tu desejaesses um figo durante o inverno. Porquanto, o que é o inverno para o figo, todo evento do universo é para os objetos que nos são tirados por este evento...<sup>21</sup>

Toda vez que o homem se decepciona com algo que lhe acontece é porque dotou de significação positiva ou negativa a indiferente eventualidade. A irritação diante de um artefato de argila quebrado, o desespero perante a perda de um ente querido, a frustração ante um desejo insatisfeito, são todos sinais de sua deficiência em estabelecer uma relação harmoniosa com a vida, isto porque o natural foi convertido, por ignorância, em antinatural. Por não fazer a filtragem das impressões torna-se brinquedo dos afetos e se queda infeliz. Ninguém pode nutrir ou alimentar repulsa por aquilo que não está sob sua dependência. Abdicar da aversão pelas coisas contranatura é acolher, abraçar e confirmar o natural, aceitar a vida como é, confirmar o Ser.

Talvez seja por isto que Epicteto tenha afirmado que “o amar é só do sábio”, porque somente ele consegue apresentar este espírito de prontidão diante da Vontade do universo, a capacidade de responder

---

todas as coisas de modo belo e justo – e, a partir disso, que imponhas sobre ti mesmo uma disciplina de modo que confies neles e aceites todos os acontecimentos, e espontaneamente compreendas que são ordenados pela melhor das inteligências. Assim, não te queixarás dos deuses nem os acusarás de o terem esquecido. EPICTETO, *Manual*, XXXI.

<sup>21</sup> EPICTETO, *Diatribes*, III, 24, 86-88.

instantaneamente aos apelos do *Kósmos*. Tendo para si que o curso do universo é infalível porque é o que tem de ser ou o que não pode deixar de ser ou suceder, não disputa com o inevitável, com a necessidade, com o determinismo das circunstâncias. Como dizia Epicteto a propósito do sábio:

... Queres que eu continue a viver? Eu viverei como um homem livre, como um de boa raça, como quiseste: já que me criaste livre de todo constrangimento em tudo aquilo que me pertence. Mas não tens mais necessidade de mim? Seja tua vontade...<sup>22</sup>

Tendo de ir, ou ficando, o sábio guardará a serenidade em todos os passos de seu caminho e se manterá fiel ao posto recebido pela divindade, custe o que custar, não se desviando um centímetro que seja daquilo que o universo lhe pedir através das ocorrências que lhe vêm de encontro arrastadas pelo mar do destino.

O encadeamento necessário e infrangível dos eventos, não deixa margem a temporalidade das paixões; impõe-se então, como necessário, seguir adiante (*prokopé*) avançando caminho e assim, acompanhar a vida no eterno presente.

Tudo isto faz do sábio um nexos com o real sem tempo: como vive junto ao Ser, a proximidade abole o tempo. Há suspensão da temporalidade na sincronia. Ancorado no instante elimina toda e qualquer distância que poderia haver entre ele e o universo. Nele, o que aparece como obediência aos designios divinos é, com efeito, homocronia.

Não desejes que o que acontece aconteça como queiras, mas queira que o que acontece aconteça como acontece, e tua vida terá um curso sereno<sup>23</sup>, a assertiva que abrange também o amor e a amizade, aponta para o instante, para o momento presente, o único tempo reconhecido pelos estoicos como real. A noção de amor, ou de amizade,

<sup>22</sup> EPICTETO, *Diatribes*, III, 24, 96-31.

<sup>23</sup> EPICTETO, *Manual*, VIII. Tradução do prof. doutor Aldo Dinucci, a única que faz jus ao termo grego *euroéseis* que consta no texto original. A grande maioria dos tradutores e intérpretes de Epicteto translada a palavra “*euroésis*” por “felicidade”.

que se levanta na base do estoicismo de Epicteto brota da exigência de um total comprometimento com a Ordem do universo sem tempo.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARRIANO, Flávio. **O manual de Epicteto**. Trad. Aldo Dinucci. São Cristóvão: CESAD: 2007.

SOUILHÉ, Joseph. **Épictète Entretiens**. Terceira edição. Paris: Les Belles Lettres, 2002. Quatro volumes. Texto bilíngüe francês/português.

DINUCCI, Aldo. **Epiktetov Diatribai (tov proton biblion). As aulas de Epicteto**. Livro primeiro. Tradução inédita do texto original grego.

HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga?** . São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HADOT, Ilsetraut et Pierre. **Apprendre à philosopher dans l'antiquité**. Paris : LibrairieGénérale française, 2004.

HADOT, Pierre. **Manuel d'Épictète**. Paris. LibrairieGénérale Française, 2000.

DUHOT Jean-Joël. **Epicteto e a sabedoria estoica**. São Paulo: Edições Loyola, 2006. Tradução do original francês de Marcelo Perine.

GAZZOLA, Rachel. **O ofício do filósofo estoico, o duplo registro do discurso da Stoa**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

SCHENKL, H. **Epiktétou Enkheirídon**. Teubener Leipzig: 1916.

RODRIGUES, Antonio Carlos O. **Proairesis e Prónoia no Estoicismo de Epicteto**. São Paulo, 2007. Dissertação não publicada (PUC-SP).